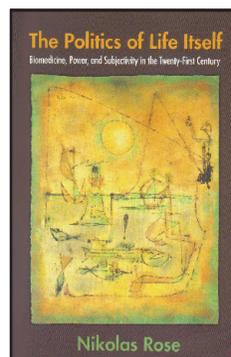


# A ética somática e o espírito do biocapital: aproximações ao biopoder molecular contemporâneo

Icaro Ferraz Vidal Junior

**ROSE, Nikolas** (2007). *The politics of life itself: biomedicine, power and subjectivity in the twenty-first century*. Princeton & Oxford: Princeton University Press. 352 p.



**Resumo:** Em *The politics of life itself: biomedicine, power and subjectivity in the twenty-first century*, Nikolas Rose cartografa um cenário marcado por uma série de acontecimentos que atestam um incremento na capacidade humana de intervenção sobre a vida. Nesse contexto, o sociólogo inglês apresenta uma leitura contemporânea do conceito de biopoder, ancorada em cinco aspectos nos quais essa atualização se concretiza: molecularização, otimização, subjetivização, *expertise* e bioeconomia.

**Palavras-chave:** biopoder; biomedicina; subjetividade

**Abstract:** In *The Politics of Life Itself: Biomedicine, Power and Subjectivity in the Twenty-First Century*, Nikolas Rose presents a scenario marked by a series of events that attest to an increase in human ability for intervention in life. In this context, the English sociologist presents a contemporary

reading of the concept of biopower, anchored on five aspects which this update addresses: molecularization, optimization, subjectivization, expertise and bioeconomy.

**Keywords:** biopower; biomedicine; subjectivity

Uma das maiores contribuições da obra de Michel Foucault ao pensamento social do século XXI, além do seu conceito de biopoder, talvez seja a ideia de que a cada regime de poder corresponde um conjunto de saberes que é, a um só tempo, efeito de e instrumento para a manutenção das correlações de força que delineiam uma formação histórica. Dizemos isso porque assistimos, nas sociedades liberais avançadas contemporâneas, à emergência de novos saberes acerca do que somos, e essa emergência parece indicar algumas inflexões também nos regimes de poder que novos vetores sociais colocam em movimento.

O sociólogo inglês Nikolas Rose, em seu livro *Politics of life itself: biomedicine, power and subjectivity in the twenty-first century*, se inspira em muito do repertório conceitual foucaultiano, identificando importantes nuances que o presente século (o século *biotech*) demanda que sejam assinaladas. O conceito de biopoder, pleiteado no último capítulo de *História da sexualidade I: a vontade de saber*, de Michel Foucault (2006), não é entendido por Rose como ontológico. Essa compreensão, além de ser antifoucaultiana por excelência, postularia como essenciais algumas características que definiram o contexto da produção moderna do dispositivo da sexualidade, escrutinado por Foucault e fundamental na gênese do conceito de biopoder. O risco dessa visada ontológica está em que a biopolítica contemporânea tende a ser cartografada com procedimentos que forcem a presença de alguns elementos já não encontrados em nosso mundo social da mesma forma ou com o mesmo sentido com que Foucault se deparou, mas que acabam desempenhando um papel eficaz na retórica crítica.

Rose debruça-se sobre o cenário que observa nas sociedades contemporâneas, liberais e avançadas, direcionamento este que consiste em um importante indicador de seu rigor metodológico. Esse gesto demonstra um cuidado na circunscrição de sua cartografia a um território sócio-político-econômico, o que é constantemente indicado ao longo do livro para evitar a generalização das suas abordagens. Esse cenário está marcado por acontecimentos que atestam um incremento na capacidade humana de intervenção sobre a vida, tal como o mapeamento do genoma humano e o desenvolvimento de tecnologias de reprodução assistida com diagnóstico genético pré-implantação, dentre outros. Nikolas Rose revira o atual estado do exercício do poder sobre (e através de) a vida, a partir de cinco elementos nos quais acredita que as mutações do biopoder contemporâneo podem ser observadas: molecularização, otimização, subjetivização, *expertise* e bioeconomia.

Um breve desenvolvimento desses cinco elementos poderia ser, respectivamente: 1) a compreensão da vida desde sua constituição bioquímica molecular, ou seja, um “estilo de pensar molecular”; 2) a possibilidade de intervenção no organismo com fins à otimização segundo a lógica da suscetibilidade (atuação no presente sobre a doença que poderá se

manifestar no futuro) ou do aprimoramento das capacidades físicas ou cognitivas; 3) a emergência de uma forma de vida intitulada individualidade somática que, ao atuar nos quadros valorativos de uma ética somática, converte-se no elemento intermediário entre responsabilidade biológica e política vital; 4) a emergência de novas autoridades morais e de novas formas de se relacionar com elas e, por fim; 5) o surgimento de toda uma economia da vida, emblematizada pelo surgimento de categorias como as de biovalor, bioeconomia, biocapital e biopirataria.

Rose articula essas cinco linhas ao longo de um texto que opera uma dupla problematização: tanto daquilo que ele cartografa (“biomedicina, poder e subjetividade no século XXI”) quanto das cartografias prévias, no que estas possuem de artifício retórico. Com esse espírito, o autor explicita que sua cartografia do presente não está comprometida com uma desnaturalização do contemporâneo. Sobre o atual estado de coisas, o sociólogo já não trabalha para produzir um estranhamento pela revelação de sua historicidade. A cartografia de Rose parte da ideia de que no contexto analisado está sendo gestado o futuro, e que o mapeamento desse presente viabiliza ações que irão defini-lo. Assim, seu texto está construído de uma maneira bastante sóbria, na qual os exemplos citados não são analisados segundo uma perspectiva apocalíptica, mas cuidadosamente descritos e escrutinados naquilo que trazem de novo, segundo as cinco categorias propostas.

Rose inicia seu livro com um capítulo no qual detalha essas cinco linhas de mutação, que retornarão ao longo de todo o trabalho, na formulação de problemáticas bastante concretas, forjadas pelo entrecruzamento desses elementos. Os dois capítulos seguintes, “Política e vida” e “Uma forma emergente de vida?”, respectivamente, são também dotados de um caráter mais teórico. O segundo capítulo examina variações históricas nos conceitos de política e de vida, passando por questões que vão desde os limiares entre o vivo e o não vivo até as fronteiras entre medicina preventiva e eugenia. Neste último caso, Rose novamente sinaliza alguns riscos presentes em discursos retóricos que utilizam o conceito de eugenia, esvaziando-o de sua historicidade. Mais adiante, Rose indaga se estaríamos assistindo ao surgimento de uma nova forma de vida, forjada em meio às ideias de suscetibilidade e aprimoramento, e constata que vivemos uma inflexão histórica na qual as políticas da vida já não são pensáveis com base no par saúde e doença, mas focalizam a otimização da própria vida. Deparamo-nos frequentemente, por exemplo, com a ideia de que psicofármacos estariam operando como agentes centrais na remodelação total dos estados mentais e do *self*. Rose, entretanto, pontua, a partir da observação de sites de indústrias farmacêuticas, que uma ética da autenticidade, mais do que uma ética da felicidade fácil, atravessa as práticas de subjetivação nos regimes psicofarmacológicos. Segundo ele, essas drogas não prometem um novo *self*, mas um retorno ao *self* real ou a realização do verdadeiro *self*.

Os capítulos seguintes do livro apresentam diferentes facetas do biopoder contemporâneo. O desenvolvimento nos cálculos de risco genético, a constituição de uma

biocidadania e de seus agentes biocidadãos, as mudanças na noção de raça diante dos avanços na medicina genômica, a leitura da mente à luz da neurociência e a introdução de dispositivos forjados no âmbito desses novos saberes da vida na esfera judicial são os temas principais dessa rigorosa investigação. O livro se encerra com um posfácio que, como esta resenha, e inspirado pela obra de Max Weber (2004) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, leva como título “A ética somática e o espírito do biocapital”, que sintetiza as relações entre uma ética ancorada no soma e as atuais configurações do (bio)capital.

## Referências

FOUCAULT, Michel (2006). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 152 p.

WEBER, Max (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras. 336 p.

ICARO FERRAZ VIDAL JUNIOR é graduado em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista da Comissão Europeia/Erasmus Mundus. Atualmente desenvolve pesquisa na Universidade de Santiago de Compostela, no âmbito do programa de mestrado “Crossways in European Humanities”.

icaroFerrazvidal@yahoo.com.br